
Güiraldes, Ricardo. *Dom Segundo Sombra*. Tradução de Augusto Meyer. Porto Alegre: L&PM, 1997.*

Este romance da literatura gauchesca foi lançado em 1926, um ano antes da morte do autor, e, segundo reza a contracapa, é considerado um dos maiores clássicos da literatura argentina e latino-americana. Güiraldes fez parte da vanguarda literária *Martín Fierro*. Esta edição data de 1997 e é o volume 55 da coleção de livros de bolso L&PM Pocket.

A capa, de Ivan Pinheiro Machado, segue o padrão da coleção a que pertence: fundo branco, texto preto, algum detalhe em vermelho e uma figura, que neste caso é uma reprodução colorida da gravura *Entre dos luces*, do pintor uruguaio do séc. XIX Juan Manuel Blanes. A gravura mostra um gaúcho a cavalo em uma cena do dia-a-dia. Na contracapa há uma sumária biografia e bibliografia do autor e uma pequena sinopse do romance.

A obra tem uma dedicatória do autor na terceira página e na quinta um soneto de Borges intitulado

“Ricardo Güiraldes”, que está em espanhol e tem sua tradução em nota de rodapé. Também em nota aparece a informação de que o poema foi publicado em *Elogio de la sombra*, em 1969. Da página 7 à 9 tem um artigo (condensado) publicado por Leopoldo Lugones em *La Nación* de Buenos Aires em setembro 1926. Ao final deste, uma nota do editor apresenta Lugones. Não há informação acerca de se as traduções do poema de Borges e do artigo de Lugones são também de Meyer. Da página 11 à 266 há o romance.

Augusto Meyer, o tradutor, nasceu em Porto Alegre em 1902 e faleceu no Rio de Janeiro em 1970. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, e publicou entre muitos outros títulos, um *Guia do folklore gaúcho* e *Gaúcho, História de uma Palavra*. Faz parte do modernismo gaúcho, introduzindo uma feição regionalista na poesia. A revisão da tradução é de Aldyr Garcia Schlee, outro reconhecido especialista em regionalismo gaúcho.

A escolha de tradutor e revisor era importante devido ao conteúdo profundamente regionalista da obra: uma história de gaúchos argentinos tinha, como escolha óbvia, de ser traduzida por um tradutor gaúcho.

A edição tem escassas 5 notas de rodapé, todas sobre termos: “guacho”, “cachorros chimarrões”, “aranha” (veículo), “piapara”, “rás com rás”. Evidentemente, devido ao caráter regionalista da obra, seria desejável que houvesse muitas mais, e nem fica claro qual foi o motivo para anotar esses termos e não ter anotado outros, que o pediam tanto quanto estes: “entrapado”, “chambergó”, “pucha”, “zorrilho”...

Aproximar-se ou afastar-se do original é uma decisão que o tradutor, especialmente o tradutor que milita no par espanhol-português, deve tomar a cada passo. Neste caso, essas decisões são tomadas com sucesso na maioria dos casos. Em outros, contudo, esse sucesso não parece tão evidente.

Dentre as várias dificuldades específicas que se podem esperar de uma obra desta natureza está, por exemplo, a influência que o espanhol do Rio da Prata exerce sobre o português do Rio Grande do Sul desde os tempos da colônia. Existem vários termos da língua espanhola que os gaúchos usam até hoje em maior ou menor medida. Nas falas dos personagens abundam: *no mais*, *hai*, *gracias*, *bueno*, *bolicho*, *bochincho*,

trago... Também há termos do espanhol em função gramatical: *lo*, *le*, *les*...

- Não *les* disse? (p. 64)
- Larguem *no mais!* (p. 65)
- Bueno*, vou te ajudar... (p. 76)
- Quem sabe como *lo* vai achar... (p. 141)
- La pucha!* (p. 157)
- Não *hai* que ir mui longe. (p. 197) (Grifos meus)

A influência do espanhol pode ser notada também em escolhas textuais mais sutis presentes na fala dos personagens:

- As éguas já estão *mansitas*. (p. 45)
- ...ninguém *nos vai* ver... (p. 76)
- Te vou* contar uma história, pra *que a repitas* a um amigo... (p. 203) (Grifos meus)

A dificuldade, em todos estes casos, consiste em utilizar consistentemente as influências do espanhol existentes na variante gaúcha do português brasileiro, sem no entanto sofrer interferência do espanhol no ato da tradução. Nesse sentido, o uso da variante lingüística é um dos pontos altos desta tradução. A linha que separa o que é uma escolha legítima pela literalidade, de uma interferência da língua fonte, percorre caminhos

diferentes do que é habitual em outras traduções entre o espanhol e o português. O tradutor trabalha com essa fronteira atípica e difusa

de um modo muito competente.

Nos casos em que é necessário, Meyer reconstrói o texto fonte com liberdade, fugindo da literalidade

Pero yo hubiera desiado más bien que los caranchos me hicieran picadillo las carnes... (p. 225)

Mas eu teria bem preferido que os caranchos me fizessem picadinho as carnes... (p. 251)

...espéreme un momento que cuanto el patrón me despache vi'a atenderlo. (p. 114)

...espere um momentinho, que bem me despache o patrão, le vou atender. (p. 123)

—¡Bien haiga! —dije—. Entoavía la osamenta no se me ha desnegao pa vivir. (p. 155)

– Haja bem! – disse. – Por enquanto a ossamenta não me refugou pra viver. (p. 170)

...aquele que por inadvertencia me atajara, hubiese conseguido cuanto más que le sustrajera un cigarrillo. (p. 23)

...quem por inadvertência me atalhasse o caminho quando muito conseguiria que eu lhe filasse um cigarro. (p. 20)

A las cansadas cayó la policía con un médico, que avanzó hacia el finado y lo descubrió ante nosotros y los dos “latones” que lo acompañaban. (p. 209)

Lá pelas tantas chegou enfim a polícia com um médico que avançou para o finado e descobriu-o diante de nós, com os dois milicos que o acompanhavam. (p. 223)

Em alguns casos ele faz escolhas sem justificativa aparente

que, no entanto, não chegam a desmerecer o trabalho:

Cuando algún cuzco irrumpía en tan apurado como inofensivo griterío, mirábalo con un desprecio que solía llegar al cascotazo. (p. 23)

Quando algum cusco irrompia em tão afoito quanto inofensivo alarido, olhava-o com tal desprezo que *valia mesmo por uma pedrada*.

<p>Ahora lo tasaban detallando su estatura, la reciedumbre de sus rasgos y, sobre todo, esa tranquilidad con que sabía encarar las cosas, fueran como fuesen, como si le quedaran chicas. (p. 133)</p>	<p>Agora mediam-no pormenorizadamente, sua estatura, a rijeza dos seus <i>rasgos</i> e, sobretudo, essa tranqüilidade com que <i>devia</i> encarar as coisas, fossem quais fossem, como se <i>se tornassem</i> miúdas. (p. 144)</p>
<p>Ansina como no hay caminos sin repechos, no hay suerte sin desgracias... (p. 191)</p>	<p>Assim como não há <i>cantinhos sem tropeços</i> não há sorte sem desgraças (p. 212) (Grifos meus) (p. 19)</p>

Sobre a presença do espanhol na tradução há mais alguns pontos que merecem atenção, o mais interessante dos quais seja talvez o fato de o tradutor escolher deliberadamente não traduzir alguns termos, colocados por este expediente em itálico. Tal é o caso da palavra “*pueblo*”, significando “lugarejo”, “povoado onde nasceu e cresceu alguém”. Pelo visto, Meyer entendeu que o sentimento de querência transmitido pelo termo era intraduzível e, quando é utilizado com essa carga emotiva, não o traduz. Este termo aparece a todo o longo da novela. Outros termos como “*usted*” (p. 245) aparecem uma ou duas vezes em espanhol.

O tradutor também deixa em espanhol alguns versos recitados pelos bailarinos durante um baile,

mas não todos: estranhamente, ele opta por traduzir uns (p. 94; p. 99) e não traduzir outros (p. 96; p. 97; p. 98), sem um motivo claro. Diga-se de passagem, sobre a edição, que na impressão dos versos não traduzidos há alguns erros de ortografia:

Para venir a este baile puse
um lucero de guia (p. 98)
(Grifo meu)

Mata-te si vos querés (p. 98)
(Grifo meu)

Ainda sobre a linguagem utilizada na tradução, há um aspecto em que o tradutor realiza uma escolha que se afasta do original e merece um comentário. No texto fonte, nas falas dos personagens, além da terminologia característica da fala do *gaucho*, há o registro escrito sistemático das

peculiaridades de sua pronúncia. Isto se faz abandonando tanto quanto necessário a ortografia e a gramática padrão em favor de outras mais de acordo com o uso

que está sendo registrado. Mesmo havendo no original abundância de exemplos deste expediente, na tradução escasseiam, embora haja alguns.

¿ <i>Vamoh 'a verlos?</i> (p. 180)	Vamos vê-los? (p. 199)
<i>Aura pa la izquierda...</i> <i>aura pa la derecha...</i> (p. 74)	Agora <i>pra</i> esquerda... Agora <i>pra</i> direita... (p. 78)
...nos ha <i>herraio</i> la mula con una herradura 'e plata, no <i>noh 'a cobrao</i> nada... (p. 186)	...nos ferrou a mula com uma ferradura de prata, não nos cobrou nada... (p. 205)
¡Yo que <i>craiba</i> que llegaría <i>finao!</i> (p. 160)	E eu que pensei que ia chegar <i>finado!</i> (p. 176)
¿ <i>Ande</i> estoy? (p. 98)	Onde estou? (p. 105)
¡Dése preso, amigo! (p. 114)	<i>Teje</i> preso, amigo (p. 123)
¡ <i>Cha</i> que son <i>güenas!</i> (p. 189)	' <i>cha</i> que são boas! (p. 209)
' <i>ta</i> que sos <i>dormilón...</i> (p. 72)	' <i>tá</i> que és <i>dorminhoco!</i> (p. 75)
' <i>stá</i> sería la cosa (p. 159)	' <i>stá</i> séria a coisa. (p. 175)
...y dele <i>pacá...</i> (p. 60)	E dê-le <i>pra</i> cá... (p. 61) (Grifos meus)

Neste ponto há uma enorme diferença entre tradução e original: a escolha diversa é gritante. No entanto, deve-se dizer que o texto traduzido também é extremamente expressivo. O uso correto da variante

lingüística resgata a musicalidade da fala de modo inequívoco.

Concluindo, esta é uma excelente tradução, realizada com base em escolhas conscientes e bastante consistentes. É verdade

que tem alguns pontos discutíveis, mas sobre estes momentos diria-se que, no mínimo, conversam

com o original enriquecendo a leitura.

Pablo Cardellino Soto
UFSC

* Citações do original: Güiraldes, Ricardo. *Don Segundo Sombra*. Madrid: Alianza, 1982.